

Jornal
de Expressão
Anarquista

BATALHA

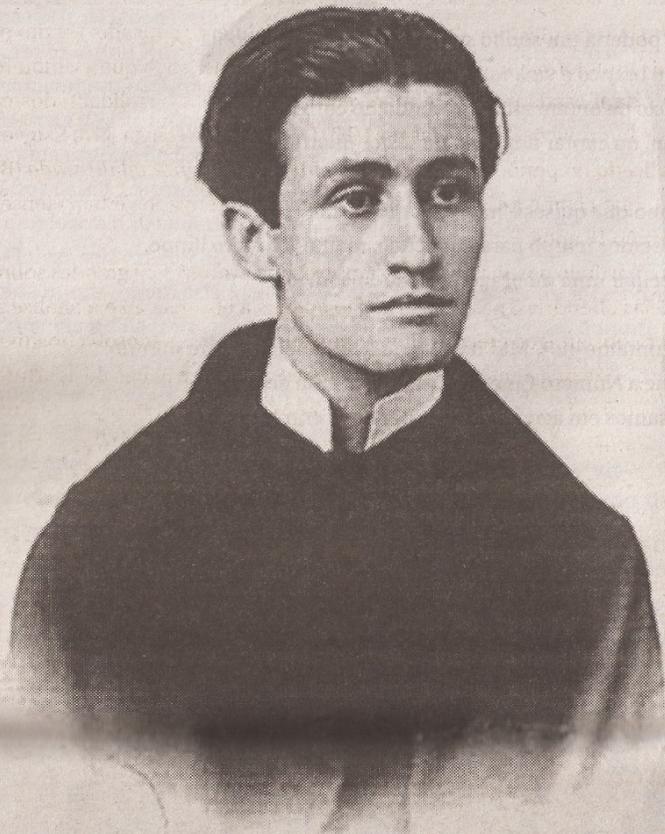
VI Série - Ano XLVIII - n.º 295 | Director: António da Cruz | Preço: 1,5 euro | Mai-Ago 2022



JOÃO EVANGELISTA CAMPOS LIMA

[NOVA DOCUMENTAÇÃO BIOGRÁFICA]

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
JORGE DOMINGOS



Entre os escritores e publicistas que estiveram ligados ao jornal diário *A Batalha* (19-2-1919 a 26-5-1927) e às suas publicações adjacentes, como o *Suplemento Literário e Ilustrado d'A Batalha* (3-12-1923 a 31-1-1927), que se publicava à segunda-feira, e a revista *Renovação*, que se publicou quinzenalmente entre 2-7-1925 e 15-6-1926, um

e que por certo foi uma das fontes de João Freire. É talvez a mais copiosa biografia que hoje temos do autor, embora alguns dos seus dados, porventura recebidos por via oral, careçam de investigação e de comprovação.

Como quer que seja, aspectos cruciais da biografia de Campos Lima estão ainda por esclarecer. João Freire dá-o por filho ilegítimo de um cônego da Sé de Braga e nascido no Porto, em 16-9-1877. Edgar Rodrigues, por sua vez, dá-o nascido no Porto, em 1877, sem mais. Nenhum deles apresenta documento probatório para local, data e ano. Localizou-se há pouco no Livro dos Assentos de Baptismo da Igreja Paroquial de Santa Maria Maior de Barcelos (ano 1877, assento 88, 23-12-1877) um assento de baptismo deste escritor e publicista ligado à CGT e aos seus órgãos de imprensa. Este assento, que de seguida se transcreve com actualização gráfica, tem a seguinte anotação lateral, «João Evangelista exposto»: *Aos vinte e três dias do mês de dezembro do ano de mil oitocentos e setenta e sete, nesta igreja paroquial de Santa Maria Maior da vila de Barcelos, concelho da mesma diocese de Braga, o presbítero António Bernardino da Silva Machado, coadjutor da mesma vila, baptizei solenemente e pus os santos óleos a um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de João Evangelista, que deu entrada na casa do Hospício dos expostos desta mesma freguesia, no dia vinte e dois do corrente mês, e ano, pelas duas horas da tarde, foi padrinho José Alves Simões, casado, servo do Santíssimo Sacramento da Igreja desta mesma freguesia, morador na rua nova dos Manterneiros desta mesma, madrinha Maria Josefa Alves, solteira, ama das rodas, os quais sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante os padrinhos, comigo só assinou o padrinho, em razão da madrinha não saber escrever. Era ut supra.*

Deste assento se pode concluir a data da sua entrada no Hospício dos expostos da freguesia de Santa Maria Maior de Barcelos, 22-12-1877, e do seu posterior baptismo. A entrada no Hospício dos expostos não coincide porém com a do seu nascimento. Um outro assento de baptismo anterior foi localizado para João Evangelista no Livro dos Assentos de Baptismo da Igreja de Nossa Senhora da Vitória do Porto (ano 1877, assento 239, 16-10-1877), o que significa que houve dois baptismos, justificando-se o segundo pela situação – exposto e filho de pais incógnitos. Também com actualização gráfica se transcreve de seguida este documento, que esclarece de vez a data de nascimento do escritor e publicis-



Entre os escritores e publicistas que estiveram ligados ao jornal diário *A Batalha* (19-2-1919 a 26-5-1927) e às suas publicações adjacentes, como o *Suplemento Literário e Ilustrado d'A Batalha* (3-12-1923 a 31-1-1927), que se publicava à segunda-feira, e a revista *Renovação*, que se publicou quinzenalmente entre 2-7-1925 e 15-6-1926, um dos que tem sido menos lembrado é João Evangelista Campos Lima. Manuel Ribeiro, Mário Domingues e António Pinto Quartim tiveram, em momentos recentes, atenção editorial e crítica, e Ferreira de Castro desde há muito que as tem. O mesmo se pode dizer para Aurélio Quintanilha, Emílio Costa e Alexandre Vieira. Restam talvez Jaime Brasil, Julião Quintinha e Campos Lima. Embora este último tenha deixado uma obra literária e ensaística considerável, tenha sido um advogado importante no seio da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e se tenha notabilizado na tradução literária (foi o primeiro tradutor de Céline em Portugal) e na teorização política – *O Estado e a Evolução do Direito* (1914) é com certeza uma obra de referência –, o seu nome quase desapareceu de qualquer enciclopédia, para já não falar da história da literatura, onde não há hoje rasto da sua obra, se bem que os seus romances possam a justo título ser avaliados como fazendo parte daqueles que na década de 20 do século passado iniciaram com sucesso a renovação da corrente realista em Portugal, dando origem logo depois ao neo-realismo. Não fossem as poucas investigações históricas, políticas e sociológicas que têm sido feitas sobre o sindicalismo operário da Primeira República e a memória de Campos Lima ter-se-ia apagado. É pois aí que havemos de procurar os poucos elementos que há sobre o autor.

João Freire biografou Campos Lima. Embora muito sucinta, não passa na verdade duma pequena nota biográfica, muito centrada na faceta sociopolítica, é a biografia mais credível que conhecemos hoje de Campos Lima. Está no livro que assinou em conjunto com Maria Alexandre Lousada: *Roteiros da Memória Urbana – Lisboa (marcas deixadas por libertários e afins ao longo do século XX)* (2013: 97). Outra biografia com interesse para uma primeira abordagem da figura de Campos Lima está em Edgar Rodrigues, no livro *A Oposição Libertária em Portugal – 1939-1974* (1982: 168-169),

baptizei solenemente e pus os santos óleos a um indivíduo do sexo masculino, a quem dei o nome de João Evangelista, que deu entrada na casa do Hospício dos expostos desta mesma freguesia, no dia vinte e dois do corrente mês, e ano, pelas duas horas da tarde, foi padrinho José Alves Simões, casado, servo do Santíssimo Sacramento da Igreja desta mesma freguesia, morador na rua nova dos Manterneiros desta mesma, madrinha Maria Josefa Alves, solteira, ama das rodas, os quais sei serem os próprios. E para constar lavrei em duplicado este assento, que depois de ser lido e conferido perante os padrinhos, comigo só assinou o padrinho, em razão da madrinha não saber escrever. Era ut supra.

Deste assento se pode concluir a data da sua entrada no Hospício dos expostos da freguesia de Santa Maria Maior de Barcelos, 22-12-1877, e do seu posterior baptismo. A entrada no Hospício dos expostos não coincide porém com a do seu nascimento. Um outro assento de baptismo anterior foi localizado para João Evangelista no Livro dos Assentos de Baptismo da Igreja de Nossa Senhora da Vitória do Porto (ano 1877, assento 239, 16-10-1877), o que significa que houve dois baptismos, justificando-se o segundo pela situação – exposto e filho de pais incógnitos. Também com actualização gráfica se transcreve de seguida este documento, que esclarece de vez a data de nascimento do escritor e publicista, confirmando a data de João Freire: *Aos dezasseis dias do mês de Outubro de mil oitocentos e setenta e sete nesta Igreja paroquial de Nossa Senhora da Vitória, concelho e diocese do Porto, eu o presbítero Nicolau José Ferreira, coadjutor da mesma freguesia, baptizei solenemente um indivíduo do sexo masculino a que dei o nome de João Evangelista, que nasceu nesta freguesia da Vitória, às nove horas da noite do dia dezasseis do mês de Setembro do ano de mil oitocentos e setenta e sete, filho natural e primeiro do nome, de Pai incógnito e de Narcisa Augusta Campos de Almeida, natural de Abrantes e paroquiana desta freguesia, morador na rua das Taipas, neto paterno de avós incógnitos e materno de José António de Almeida e de Ana Clementina Campos, de Abrantes. Foi padrinho Carlos Rosemberg, viúvo, negociante de vinhos, morador na rua de Costa Cabral, freguesia de Paranhos, e madrinha Nossa Senhora da Vitória, e tocou com a coroa Júlio Perdigão, solteiro, militar, morador na rua da Boavista, freguesia de Cedofeita. E para constar em duplicado este assento, que depois de lido e conferido perante os padrinhos comigo vão assinar. Era ut supra.*

O que permitiu encontrar este primeiro assento de baptismo foi o registo de óbito do escritor, pelo qual se ficou a saber que ele nasceu na freguesia da Vitória da cidade do Porto. Transcreve-se o essencial do documento que se obteve na Torre do Tombo (registo de óbito n.º484 da 3ª Conservatória de Lisboa): Às vinte horas do dia quinze do mês de Março do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, na rua Actor Taborda, vinte e sete, primeiro esquerdo, da freguesia de São Sebastião da Pedreira desta cidade, faleceu de hipertrofia da próstata retenção vesical uremia, um indivíduo do sexo masculino de nome João Evangelista Campos Lima, de setenta e oito anos de idade, de profissão jornalista, natural da freguesia de Vitória, concelho de Porto, domiciliado na casa supra, filho ilegítimo de pai incógnito e de Narcisa Augusta Campos de Almeida, natural de Abrantes, já falecida. O falecido era casado com Leonor Avelar de Aguiar, de setenta e seis anos, do-

méstica, natural de São Pedro, concelho de Ponta Delgada, domiciliada na mesma casa. O falecido não deixou descendentes ou herdeiros sujeitos à jurisdição orfanológica, não deixou bens, não fez testamento e o seu cadáver vai ser sepultado no primeiro cemitério de Lisboa. Foi declarante Joaquim Gomes Reis, no estado de casado, de profissão industrial, domiciliado na Rua Voz do Operário treze. (...)

O pai de João Evangelista, que João Freire dá como cônego da Sé de Braga, mas que parece ter sido apenas capelão militar de infantaria, foi o padre João Baptista de Lima, que perfilhou o filho em testamento à hora de morrer. Daí o último apelido que o jovem João Evangelista passou a usar, sendo o nome próprio o do avô paterno, como se vê no registo de óbito do padre Baptista de Lima, que se localizou (Arquivo Distrital de Braga, ano 1879, assento 67, 15-12-1879) e de seguida se transcreve (grafia actualizada): *Aos quinze dias do mês de Outubro de mil oitocentos setenta e nove, às cinco horas e meia da manhã, no Largo da Senhora do Ó desta vila e concelho de Barcelos, arquiocese de Braga, faleceu, tendo recebido os sacramentos da santa madre igreja, um indivíduo do sexo masculino, por nome João Baptista de Lima – presbítero – capelão na inactividade temporária de infantaria doze, da idade de trinta e oito anos, natural desta vila, e aqui residente no lugar acima dito, filho legítimo de João Evangelista de Lima, desta vila, e de Dona Ana de Mesquita Barbosa, natural de Darque, concelho de Viana do Castelo, proprietários, já falecidos, o qual fez testamento em que reconheceu dois filhos e foi sepultado no cemitério público. E para constar mandei lavrar este assento que assino. Era ut supra.*

A partir do cruzamento dos dados entre este registo de óbito e o primeiro assento de baptismo de Campos Lima foi possível identificar o seu irmão, filho do mesmo pai e da mesma mãe. Trata-se de Emílio Henrique Campos Lima que nasceu a 4 de Novembro de 1878 e foi baptizado e registado no Livro dos Assentos de Baptismo da Igreja de Nossa Senhora da Vitória do Porto (ano 1878, assento 296, 25-12-1878). Por documento oficial que se localizou no Arquivo Distrital de Braga, sabe-se que Emílio Henrique emigrou muito jovem, em 1892, para o Brasil, tinha então 13 anos, estando por apurar o seu destino posterior.

Embora João Freire nos diga na sua curta nota biográfica que Campos Lima teve uma educação burguesa e se saiba que a barcelense família Lima vivia com algum desafio – João Evangelista de Lima era proprietário, fundador de jornais locais e cacique político e o padre João Baptista de Lima foi também fundador de jornais e político local –, o jovem

Campos Lima, perdendo o pai com pouco mais de um ano e já com os avós paternos falecidos, teve uma infância difícil. Foi entregue a uma família pobre do concelho de Barcelos, aprendeu a profissão de encadernador e tipógrafo em tenra idade, cerca dos 10 anos, fez por sua iniciativa o exame de instrução primária e só anos mais tarde foi mandado de Barcelos para Braga estudar no liceu, partindo depois para Coimbra, onde se formou em Direito, em 1906/7, já muito perto dos 30 anos.

A sua adesão ao ideal libertário deu-se com certeza antes dos 20 anos, porventura no período dos seus estudos bracarenses, ou no período de chegada a Coimbra, tendo iniciado o seu itinerário de livre pensador ainda em Barcelos, quase criança, no positivismo de Auguste Comte, autor que leu nos primeiros tempos do exercício da sua profissão de encadernador e, por causa dela, o afastou para sempre da igreja católica e da sua doutrina, em que tudo indica ter sido originalmente educado. Escrito por volta dos 14 anos num jornal de Braga, o primeiro texto jornalístico que assinou foi sobre o fundador da filosofia positiva e mereceu de imediato a hostilidade dos católicos locais. Estas informações são dadas por ZETIL (José Francisco da Silva Esteves?) num artigo publicado no periódico *A Lágrima – publicação quinzenal ilustrada* (Barcelos, 1-12-1893), que chama a Campos Lima o «Moisés do Cávado» e barcelense ilustre, tinha ele então 16 anos.

Foi pois a partir do positivismo que Campos Lima evoluiu sem grandes sobressaltos para as ideias libertárias, nas quais via não apenas a observação e a análise rigorosa e arrasadora dos antigos preconceitos, como sucedia com a filosofia positiva, mas a acção mais livre e imaginativa do futuro. Isto ressalta das páginas de abertura do seu livro *Nova Crença* (1901), publicado aos 23 ou 24 anos, já no período de Coimbra, e que é das primeiras afirmações libertárias que dele temos – ele que mais tarde se tornou, com o livro de 1914 atrás referido e, depois, com a síntese *A Teoria Libertária ou o Anarquismo* (1926), um dos mais significativos teóricos entre nós do anarquismo, pelo menos do anarquismo histórico, centrado nas expectativas sociais da emancipação do trabalho e do operariado.

Uma palavra final de agradecimento a Mara Rosa que nos ajudou a localizar e a obter o registo de óbito de Campos Lima, decisivo para se chegar ao seu primeiro assento de baptismo, em que se confirma a data e o local do seu nascimento.

N.º 228

Eliza da
Soledade

dos quatro dias do mes de Julho do anno de mil
setecentos e setenta e sete a saber: Parochial de Santa
Cruz da Ribeira, Capella e Sacra de
S. Paulo, e Parochial de S. Antonio em
Coadjuvato

da mesma freguesia, bairros e aldeamentos em virtude de ser
a que dei o nome de Eliza da Soledade,
que nasce nesta freguesia da Ribeira

de idade de seis annos e seis dias do mes
de Setembro do anno de mil setecentos e setenta e sete, filha
legitima e primogenita do nome de Manoel d'Almeida
João, de profissao Calheiro,

de Eliza de Castro
e de Maria de Castro, e filha desta
freguesia da Ribeira,

e parochiana da mesma
e parochiana de S. Paulo
e parochiana de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio

e matrona de Guizhenne Correia da Santa
e de Maria de Castro, e filha desta
solteira, fidejussora, e mediceira, na sua
sua casa

e matrona Maria Marques da Costa, e filha desta
solteira, e de S. Paulo e de S. Antonio,
e de S. Paulo e de S. Antonio

E para evitar se fizessem duplicados dos nomes, que depois de hoje e assignado por
mim e padrinha commigo e meus assignados por
mim e meus assignados

Em test. e assignado
Coadjuvato Nicolau Joze Pereira

N.º 229

João
Evangalista

Salvem-se as
quintas de
na freguesia de S. Paulo
de S. Paulo e de S. Antonio
de S. Paulo e de S. Antonio
de S. Paulo e de S. Antonio
de S. Paulo e de S. Antonio

dos quatro dias do mes de Julho do anno de mil
setecentos e setenta e sete a saber: Parochial de Santa
Cruz da Ribeira, Capella e Sacra de
S. Paulo, e Parochial de S. Antonio em
Coadjuvato

da mesma freguesia, bairros e aldeamentos em virtude de ser
a que dei o nome de João Evangalista,
que nasce nesta freguesia da Ribeira

de idade de seis annos e seis dias do mes
de Setembro do anno de mil setecentos e setenta e sete, filho
natural e primogenito do nome de S. Paulo e de S. Antonio,
e de S. Paulo e de S. Antonio

e de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio

e parochiana de S. Paulo
e parochiana de S. Antonio
e parochiana de S. Paulo
e parochiana de S. Antonio

e matrona de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio
e de S. Paulo e de S. Antonio

e matrona S. Paulo e de S. Antonio, e filha desta
solteira, e de S. Paulo e de S. Antonio,
e de S. Paulo e de S. Antonio

E para evitar se fizessem duplicados dos nomes, que depois de hoje e assignado por
mim e padrinha commigo e meus assignados por
mim e meus assignados

Em test. e assignado
Coadjuvato Nicolau Joze Pereira

POR QUE É QUE SER *INDIE* É UMA INDIEOTICE

WHAT THISNEY



A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CGT
Fundado em 23 de Fevereiro de 1919

o *indie* tem um significado assim um tanto ou quanto amorfo. No passado, era aplicado principalmente à música e filmes do submundo cultural que não eram produzidos ou financiados por multinacionais. Nos dias de hoje, é um termo que pode ser aplicado a toda uma cultura dita *indie* assim, é difícil definir exactamente qual o seu significado. Para melhor esclarecimento vamos iluminar: «A definição genérica da palavra é ser independente do modelo cultural instituído e associada a uma subcultura definida pela sua música, moda, comportamento e crenças de vida que segue tendências sociais que são consideradas conscientemente desviantes dentro da cultura *indie* é a anticonformidade.»

há uma ironia de que a cultura *indie*, enquanto procurava ser única e independente, desenrola-se facilmente identificável. Os auto-intitulados independentes desejam avidamente serem vistos como independentes que se vestem da mesma forma, assistem aos mesmos filmes, ouvem as mesmas músicas e usam os mesmos argumentos a denunciar o aborrecimento burguês.

o que se é independente do *mainstream*. Para isso, os *indies* compram roupas, CDs, móveis, coisas que não são populares entre as massas. Na realidade, a essência *indie* é gastar e consumir. A independência da cultura massificada fazendo a coisa mais popular possível: baseando-se em algumas décadas atrás, era fixe usar roupas com o logotipo de uma empresa estampada por orgulhosamente exibidas como distinção social. Nos dias de hoje, essas mesmas marcas são usadas pelos *indies*; agora, os compradores preferem marcas que pareçam únicas ou vintage. Mas não é assim; as pessoas continuam a expressar-se pelas roupas que compram. Não importa se compram café directamente do produtor, maçãs orgânicas ou tapetes indígenas para mostrar a sua identidade pessoal na sua identidade enquanto consumidor. O artista *indie* é moço que o mesmo seja consumido pela cultura de massas. Claro que não há nada de errado em isso; é perfeitamente possível que uma pessoa se interesse e consuma todos os produtos *indie* e se associe a sua identidade neles. Tais apetrechos conferem algum crédito *hipster*, mas nada fazem pela identidade de um *indie* literalmente não é mais nem menos do que um casaco que pode mudar. Será que os *indies* querem mesmo ser independentes da sociedade dominante?

Redacção: António da Cruz, Marcos Farrajota, Oriano e Russo.

Colaboradores: AC, A.M., Alexandre Esgaio, Ana Marques, André Pereira, António Cândido Franco, Bill, Daniel Lopes, Emanuel Carneira, Gwendolyn Brooks, Jorge Domingos, José Fonseca, Juliana Mbengono, MM, M. Ricardo de Sousa, Matilde Feitor, Nuno Saraiva, Raquel Nobre Guerra, Richard Cleminson, Ronin Lenin, Rui Moura, Tristão da Zara, What Thisney

Capista: Nuno Saraiva

Composição Gráfica: Joana Pires

Proprietário, editor e compositor:

Centro de Estudos Libertários

Sede do editor, redacção e administração:

Az. da Alagueza, Lote X, c/v – Esq. 1800 – 005 Lisboa

Impressor: Funchalense – Empresa Gráfica S.A.

Contacto: jornalabatalha@gmail.com

ISSN: 0873-7223 | **NIPC:** 501805214

Periodicidade Bimestral: Maio – Agosto 2022

N.º Depósito Legal: 291643/09 | **N.º ERC:** 104981

Tiragem: 1800 exemplares

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Portugal: 6 n.ºs: 13,50€ / 12 n.ºs: 25,50€

Europa: 6 n.ºs: 24,00€ / 12 n.ºs: 46,50€

Extra-Europa: 6 n.ºs: 25,50€ / 12 n.ºs: 49,50€

O pagamento poderá ser efectuado para o NIB do CEL:

0033 0000 0001 0595 5845 9

Esta Internacional de Artes Modestas Por Marcos Farrajota

Fangine de Almada dedicado a Metal underground, as suas páginas em A4 são todinhas feitas à mão!

Não há aqui computador: escrito à mão, dactilografado, imagens coladas ou desenhadas

27/02/22

only focused on interviews of extreme metal bands that I want to promote. Some of these bands are already dead and buried but I feel they deserve

... Sagatrakavashen, an 80's PM band from Brazil and better than ever. Aaron from Vulgar is talking about this great band from Malaysia. They are covered, like the well known Hanoi Rocks and Getulio from the Barbacena scene. It's bands Invoker, Behemoth, Asesari and others from the state of São Paulo, a label that is producing the best stuff from Brazil and other countries.

00295

